

Grupo X de Improvisação em Dança: Pequenas coisas sobre nós mesmos

Carlos Eduardo Oliveira do Carmo (Edu O.)

Universidade Federal da Bahia
Salvador, BA, Brasil

eduimpro@gmail.com

orcid.org/0000-0003-3483-2684

Fátima Campos Daltro de Castro

Universidade Federal da Bahia
Salvador, BA, Brasil

fadaltro@gmail.com

orcid.org/0000-0002-5323-4455

Resumo | Este artigo acompanha os 25 anos do Grupo X de Improvisação em Dança, deslindando memórias e as relações criadas em seu percurso com enfoque no ensino, na pesquisa e na extensão, vinculado à Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. As propostas cênicas do grupo lidam com estratégias coreográficas que se utilizam da improvisação em cena, relacionadas à acessibilidade e participação de pessoas com deficiência na construção de conhecimento em Dança.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Acessibilidade. Improvisação.

Group X of Dance Improvisation: Little things about ourselves

Abstract | This article follows the memories of Group X of Dance Improvisation's 25 years and the relationships created in its course are constituted of adventures, challenges and resistances, with focus on teaching, in research and university extension, linked to the School of Dance at the Federal University of Bahia. The scenic proposals deal with choreographic strategies that use improvisation on the scene, related to accessibility and participation of disabled people in the construction of knowledge in Dance.

KEYWORDS: Dance. Accessibility. Improvisation.

Grupo X de Improvisación de Danza: pequeñas cosas sobre nosotros mismos

Resumen | Este artículo sigue los 25 años del Grupo X de Improvisación em Dança, desenmarañando memórias y las relaciones creadas a lo largo de su trayectoria con enfoque de Enseñanza, Investigación y Extensión, vinculado a la Escuela de Danza de la Universidad Federal de Bahía. Las propuestas escénicas del grupo abordan estrategias coreográficas que utilizan la improvisación en escena, relacionadas con la accesibilidad y participación de las personas con discapacidad en la construcción del conocimiento en la Danza..

PALABRAS CLAVE: Danza. Accesibilidad. Improvisación.

Enviado em: 28/10/2023
Aceito em: 12/12/2023
Publicado em: 20/12/2023

Se quiser, deixe sua lembrança!¹

Ao falarmos do Grupo X de Improvisação em Dança e suas ações artísticas e educativas junto à Escola da Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), enveredamos em uma memória de 25 anos de atividades, repletas de significados desafiadores. Tempo que nos tira do eixo em muitas ocasiões; sair do eixo, para o Grupo X, significa sair do controle do mundo cotidiano e experimentar possibilidades de criação, acessando as ricas conexões que a Dança tem nos ofertado.

Nesse momento, buscamos compartilhar o que for possível ao alcance de nossa memória acerca dos processos criativos do grupo, as performances realizadas no percurso, as ações junto aos estudantes e nossa contribuição para implementação de debates importantes sobre Dança, corpo e acessibilidade em parte significativa da história da Escola de Dança.

Nós nos compreendemos na função de professora/professor, artista implicada/o que se preocupa com os processos, as singularidades e seus atravessamentos com o intuito de promover a autonomia dos estudantes participantes que passaram pelo grupo. Junto a esses estudantes, não podemos nos esquecer das diferentes comunidades visitadas por meio do projeto de extensão e pesquisadores interessados em estudar o corpo, seus modos de comunicação via Dança contemporânea e, especificamente, o corpo de pessoas com deficiência física, intelectual, visual e auditiva que permeiam nossa trajetória.

Nossas memórias são atravessadas por todo contingente de pessoas que nos presentearam com suas proposições, provocando deslocamentos que alteraram as rotas dos caminhos por onde passamos. O termômetro dessas experiências varia de acordo com as ideias e afetos que cercam o grupo. Umas mais quentes, outras mais amenas ou ferventes em que, mesmo em situações de exaustão, pelo simples fato de nos movermos, éramos capazes de sentir as mudanças dos estados do corpo nos invadindo. O projeto *Se quiser, deixe sua lembrança!* é testemunha.

O convívio em um ambiente afetuoso e de respeito ao outro, o contato com pessoas amorosas, responsáveis, questionadoras e de potencial curiosidade, estimularam as pesquisas e os encontros.

Muitas vezes árdua e desafiadora foi a trajetória X em seus 25 anos de atuação no campo da Dança. Os exercícios de compartilhamentos contínuos, necessários às pesquisas,

¹ Performance criada em comemoração aos 20 anos do Grupo X de Improvisação em Dança, em 2018. Projeto contemplado pelo Edital Setorial de Dança 2016 - Secretaria de Cultura do Estado da Bahia/SECULT-BA. Ao longo do texto, títulos dos trabalhos do grupo aparecerão em negrito com explicações em Nota de Rodapé.

revelaram-se potentes e desencadearam indagações importantes sobre as práticas artísticas e educativas realizadas e o pensamento político envolvido. Logo, a junção entre arte e teoria fez-se presente. Ao se juntarem essas instâncias para acompanhar um processo criativo que se dá de forma descontínua e não linear, somos afetados por reflexões sobre as múltiplas formas possíveis para se interpretar o contexto de criação em Dança.

A conexão entre os participantes na cena segue uma lógica de construção que media as distintas entradas sem processos hierarquizantes. Atentos e preventivos, organizamos-nos para lidar com as ocorrências de cada instante e resolvermos com propriedade os problemas inesperados. A incorporação do cotidiano e as possíveis leituras de cada ação, que se contextualizam democraticamente, são desafios constantes em um processo de criação em improvisação. O seu exercício impulsiona engajamentos fortuitos entre os participantes que, por sua vez, compartilham os desafios cruciais de responsabilidade na pesquisa, na criação e na elaboração poética e teórica.

Para nós, os objetos são tornados poéticos quando os utilizamos de maneiras diferentes de suas funções reais. Em muitos momentos, são eles que provocam estímulos para a cena, para o movimento, como a grande mesa vermelha de *Os 3 Audíveis* (2008), os tamancos de *Vestido curto na alma de dentro* (2010), o banco comprido de *Ana tem medo do escuro* (2017) ou o rolo de papel branco de *Fulaninha's²* (2018).

Segundo Helene Charles (2019), os objetos completam a nossa Dança, habitam nosso corpo, questionam interpelando as certezas do espectador e sugerindo novas possibilidades. Para ela, a cadeira de rodas de Edu deixa de ser objeto e passa a ser corpo, um personagem, uma companhia, modificando o olhar sobre o mundo e quebrando a verticalidade do corpo. A diretora e coreógrafa da companhia francesa Artmacadam, com quem o Grupo X realiza o intercâmbio cultural e residência artística *Euphorico* desde 2004, ainda escreve sobre nosso trabalho.

Mas que dança é essa?

Uma dança de pele, de olhar, uma dança sensível que se alimenta do imaginário de cada um, uma dança que ganha vida a partir da relação de um com o outro, com o ambiente. Uma dança de estar no aqui e no agora com nossas histórias particulares, nossas malas com "roupas sujas", nossas vestimentas identitárias, nossos corpos redondos, ocos, nossos corpos impedidos, porém desejosos, de fazer deslocar nossos ossos, carnes,

² Títulos de importantes trabalhos do Grupo X.

músculos, o sangue em nossas veias, o ar em nossos pulmões (CHARLES, 2019, p. 51).

Nesse ambiente, muitas vozes tensas, reais, vibrantes e olhos cintilantes confabulam as pressões sofridas em busca do que, aos poucos, se revela. A obra, antes invisível, revela-se e segue adiante. Ela dá o seu jeito. E nós? Vamos juntos, participamos atentivamente implicados com as ocorrências que surgem, buscando soluções imediatas em seu percurso. Experimentamos descobertas em um processo que gera construção de conhecimento via Dança.

As estratégias metodológicas artísticas e educativas exploradas junto ao Grupo X de Improvisação compreendem a Dança como prática discursiva, cultural e política. Seus efeitos nas maneiras como as pessoas passam a entender a si mesmas, bem como a entender as outras, modificam-se consideravelmente. Também modificam seus objetos temáticos com dinâmicas que criam os laços formadores de significados. Dialogar com os participantes ou argumentar as repostas que se manifestam em uma dada proposição ou processo utilizado, sem dúvida, pode gerar ajustes interessantes e solucionar os imprevistos tão comuns durante a improvisação.

Neste lugar, o improvisador, além de apreender seu próprio movimento, é estimulado a refletir sobre suas possibilidades de combinação espaço-temporal no sentido de compreender como melhor realizá-las, das qualidades e trajetórias relacionadas ao espaço físico e aos espaços/lugares possíveis ao corpo e ao ambiente que o cerca. Há certa disponibilidade corporal para agenciar os desafios a que é submetido, exercitando escuta e o compartilhamento de ideias, as próprias e as dos outros.

A proposta artística, educativa e política do grupo é da interdisciplinaridade, valorizando as relações entre os diversos campos do conhecimento e levando em consideração a realidade de cada pessoa/contexto envolvidos, independentemente da origem social, étnica, religiosa, econômica, política ou das diferenças físicas.

Pensar o corpo sem que se leve para um plano da exclusão/inclusão - mas sim de ressignificações das experiências proporcionadas pelo convívio entre diversos corpos - vem nos acompanhando nessa empreitada. É possível pensarmos em mudanças ou transformações de alguns valores arraigados na sociedade por meio de maior interação entre os diferentes perfis ou corpos que a compõe, democratizando as relações sem distinção, exclusão ou discriminação.

Somos agradecidos aos eventos e seus desvios. A condição de estarmos presentes, experimentarmos o movimento no corpo, a curiosidade, a busca do movimento constante e insistentemente para que o corpo revele o que é capaz, e claro, a paixão pela Dança,

forneceram-nos excelentes proposições. Além disso, ser professora/professor da Escola de Dança da UFBA viabilizou o acesso aos estudos, espaços profícuos de trabalho, a participação em eventos científicos com temáticas sobre os processos do corpo com deficiência, suas potencialidades e os ajustes necessários para serem incluídos nos espaços de direito.

Extensão universitária: O Extraordinário do Ordinário³ em Poéticas da Diferença X

O Grupo X de Improvisação em Dança foi criado em 1998 pelos professores Fátima Daltro e David Iannitelli, vinculado à Escola de Dança da UFBA. O grupo surgiu no contexto da extensão universitária, envolvendo alunos, professores e comunidades, coadunando com o objetivo de estimular experiências fora dos muros da instituição do Programa *UFBA em Campo* – do qual fez parte nos anos de 1998 e 2002 –, expandindo o conhecimento e as trocas de informação do processo educativo.

Os projetos de extensão são coordenados pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) e pelas respectivas unidades da Universidade Federal da Bahia. O ensino, a pesquisa e a extensão formam o alicerce no processo educativo. Juntos, formam o compromisso social da universidade, relacionando os diversos saberes à produção e à difusão de conhecimentos interligados à realidade social. Dessa forma, a extensão universitária passa a ser entendida como via de mão dupla, na qual há troca de benefícios entre a universidade e a comunidade, como um instrumento articulador entre as funções universitárias (SILVA, 2007).

As comunidades de Portão, Lauro de Freitas, Campus Universitário, além de feiras didáticas, de escolas públicas, de eventos acadêmicos, de instituições de atendimento a pessoas com deficiência, e, mesmo, a rua, dentre outros lugares, foram contemplados com ações do Grupo X na realização de cursos, oficinas de Dança e mostras públicas promovidas pela PROEXT.

Desde a sua formação, o Grupo X realiza - semanalmente - encontros abertos à comunidade, voltados para a pesquisa da improvisação no instante da cena com múltiplos corpos. Interessa-nos compreender como pessoas com diversas experiências, para além de estudantes ou profissionais da área, podem construir conhecimento em Dança em um ambiente propício à convivência entre as diferenças geracionais, físicas e profissionais de cada indivíduo.

³ O *extraordinário do ordinário* - título de performance do Grupo X criada em 1998.

Estudantes de graduação, mestrado, doutorado, profissionais de áreas afins passaram a frequentar o Grupo X de Improvisação em Dança a partir do interesse no debate de inclusão e exclusão e processos de criação em Dança via improvisação. O encontro entre essas pessoas e as suas propostas foi acolhido e respeitado como contributo para renovação e para a diversificação das danças conjuntamente construídas. Ajudaram-nos, portanto, a desenvolver meios atentos e responsáveis para as diferenças que nos cercam.

As estratégias metodológicas do X reconhecem a importância das experiências e saberes da equipe móvel que o constitui, uma vez que representam as forças propulsoras para “[...] estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles” (SANTOS, 2019, p. 28). Fortalecemo-nos juntos para maximizar a eficácia das lutas de resistência contra a hegemonia do pensamento de ideário de corpo - o corpo colonizado e dado *a priori*. Todas as pessoas e mundos são possíveis e suas riquezas não podem ser perdidas por causa da desvalorização que acompanha as ideias que não coadunam com os processos hierarquizantes.

Por que essa escolha e não outra? Por afinidade, por respeito ao espaço do outro, pela compreensão dos processos de desenvolvimento do corpo, pela percepção da força dos movimentos entre corpos, pela escuta das gargalhadas do encontro inesperado, pelas experiências inusitadas, pelo prazer em compartilhar, por muitas outras situações de desafios que o outro pode nos proporcionar, para avançar nas discussões de que tratam as Epistemologias do Sul,

[...] que se refere à validação e à produção do conhecimento ancoradas nas experiências de resistência de grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas de injustiça, da opressão e de destruição causadas pelo capitalismo, colonialismo e pelo patriarcado (SANTOS, 2019, p. 17).

Para o autor, o interesse passa por proporcionarmos meios para que pessoas que fazem parte de grupos sociais oprimidos, que vêm ao longo do tempo travando suas lutas para acesso ao mundo comum, possam representá-lo “[...] como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com as suas próprias aspirações” (SANTOS, 2019, p. 17).

A Arte e, especificamente, a Dança ajudam-nos a entender esses tópicos na busca por um mundo livre de injustiças sociais, políticas, psicológicas e econômicas. Poderíamos listar muitas das experiências pelas quais passamos juntos e que nos revelam os pensamentos de Boaventura de Sousa Santos (2019). Como não caberia nesse texto, trazemos um apanhado de projetos, suas temáticas e exercícios elaborados, de mostras

realizadas no âmbito local, nacional e internacional e dos avanços no que dizem respeito às políticas de acessibilidade.

Contextualizarmos o ambiente dos processos que estimularam a continuidade do Grupo X é importante para entendermos como uma ideia pode atravessar o tempo, mesmo sob dificuldades. Não hesitamos, insistimos e resistimos às intempéries pelas quais passamos para apresentar as nossas descobertas de modo a viabilizar o acesso às pessoas interessadas no estudo de múltiplos corpos, incluindo os corpos das pessoas com deficiência. Ainda é necessário chamarmos a atenção para a invisibilidade que os persegue.

O Grupo X, ao longo de sua trajetória, passou por três coordenações importantes em seu percurso: com a professora Fátima Daltro e os professores David Iannitelli e Edu O., que foram visionários e inovadores em suas estratégias metodológicas. Organização, autonomia, interesse, conexão, atitude, transversalidades, transdisciplinaridade são alguns dos elementos que constituíram nossos movimentos, responsáveis por contribuir para a consolidação do grupo, das pesquisas vinculadas, das performances realizadas, dos cursos e aulas de Dança ministradas, do acesso às comunidades de risco social, do intercâmbio internacional entre companhias de Dança, da participação em eventos científicos e, conseqüentemente, da publicação em revistas e livros.

Hernandez (2010) explica que as proposições, em suas multiplicidades, possíveis formas de organização, sem excessiva pressão, vão além da disciplina. Para o autor, a transdisciplinaridade reflete as constantes trocas que se produzem na sociedade e nos saberes para se lidar com situações problema. Esse é um dos pensamentos que nos fazem avançar... Sem dúvida, as experiências vividas e o encontro com as distintas áreas do saber acompanharam-nos e atingiram-nos, acreditamos, da melhor maneira possível. Pudemos enveredar por um mundo da Dança que vai além do que pensamos, levando junto estudantes, professores e pesquisadores, nossas alegrias diante do encontro, do inesperado e das incertezas.

Grupo de Pesquisa Poética da Diferença

No âmbito da Escola de Dança da UFBA, os estudos de Mestrado (2004), intensificados nas pesquisas de Doutorado (2007) e Pós-Doutorado CAPES/MEC (2011) e CAPES/MEC (2014), da Prof.^a Fátima Daltro, potencializaram as reflexões acerca da Dança em múltiplos corpos, reverberando nas discussões acerca do corpo com deficiência que dança, complexificando-as em diferentes possibilidades de atuação.

Os estudos realizados, as dinâmicas exercidas em conjunto, o interesse no mundo contemporâneo e as relações construídas no ensino, pesquisa e extensão impulsionaram a emergência do Grupo de Pesquisa Poética da Diferença (GPPD) (2009/2016), liderado pela Prof^a. Fátima Daltro e criado para prosseguir com as propostas que ajudassem a compreendermos a realidade e examinarmos os fenômenos que nos cercam. Como um grande guarda-chuva, abraçava vários projetos que desenvolveram estratégias diversificadas da realidade cotidiana e dos processos do corpo em sua multiplicidade.

Com o GPPD, foi possível concretizarmos pesquisas junto ao Grupo X de Improvisação em Dança e o componente curricular da graduação e pós-graduação: ACCS⁴ DANA59 - Acessibilidade em Trânsito Poético, compartilhando as reflexões acerca do corpo com deficiência no que diz respeito às informações, à formação e à profissionalização artística dessas pessoas. Para nós, o corpo com qualquer deficiência pode ser estimulado a partir de processos dinâmicos para construir suas próprias ignições e expor suas competências.

Vale ressaltarmos que a aposentadoria da professora supracitada, no primeiro semestre de 2016, coincidiu com a aprovação no concurso público do Prof. Ms. Edu O., primeiro professor com deficiência da Escola de Dança da UFBA, em 2020, bem como de Natalia Rocha, também integrante do Grupo X, aprovada como professora substituta na mesma instituição. Um momento precioso e histórico, tanto para Escola de Dança da UFBA como para o Grupo X que passou a ser oficialmente coordenado por Edu O., assim como a ACCS DANA59. Ventos inovadores balançaram os alicerces das estruturas tradicionais para dar passagem às preciosidades das discussões acerca do corpo com deficiência, à urgência de entendê-lo como um processo coevolutivo, apto a se organizar no mundo de acordo com as suas experiências, como qualquer outro corpo.

O Grupo de Pesquisa Poética da Diferença articulava pesquisas artísticas e acadêmicas, oferecendo cursos, oficinas e residências artísticas, ações relacionadas aos seus três eixos de interesse: (a) Pesquisas Artísticas em Dança: ação desenvolvida junto ao Grupo X de Improvisação em Dança; (b) Ações Educacionais em Comunidade, em parceria com o Grupo X: a ACCS DANA59 desenvolveu ações que criaram diálogos entre sociedade e universidade a fim de produzir conhecimento sobre a realidade e alternativas de transformação entre 2009 e 2016; e (c) acessibilidade cultural para pessoas com deficiência, destacando-se a pesquisa em audiodescrição de Dança para pessoas cegas ou com baixa visão.

⁴ ACCS - Ação Curricular em Comunidade e Sociedade

Acessibilidade em Trânsito Poético

A Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS), como componente curricular dos cursos de graduação e pós-graduação nessa Universidade, fortaleceu a educação não formal e ajudou a criar espaços de cidadania no local de sua atuação, desenvolvendo mecanismos com impacto positivos para a mudança do tecido social e criando, para os setores geralmente invisibilizados e marginalizados, a oportunidade de solucionarem problemas do cotidiano no processo de descobertas pela Dança.

A ACCS DANA59 - Acessibilidade em Trânsito Poético, experiência iniciada em 2008 pela professora Fátima Daltro, nascida da prática docente em graduação e experiências em comunidades, propiciaram-nos experiências importantes em comunidades de risco social. Em 2017, o professor Edu O. assumiu a coordenação dessa ACCS junto às professoras Cecília Accioly (do Bacharelado em Dança) e Maria Beatriz do Carmo (do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde), estabelecendo parceria com o Centro de Atendimento Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP).

Na memória do Grupo X, não podemos nos esquecer dos professores colaboradores que sustentaram o projeto enquanto a Profa. Daltro encontrava-se em estudos de doutoramento na Pontifícia Universidade de São Paulo: a indispensável e afetuosa Profa. Dra. Eleonora Mattos (Nora), estudante monitora no período; o querido Prof. Dr. Norberto Peña, que acolheu o projeto em seu grupo de pesquisa; a Prof^a. Dra. Carla Leite, colaboradora e estimuladora do projeto; e, finalmente, a Profa. Dra. Denise Coutinho, parceira e estimuladora. Esses professores colaboradores coordenaram o projeto entre 2005 e 2007, quando se intitulava ACC Poética da Diferença. Após esse período, com o retorno da professora Fátima Daltro, o projeto voltou à sua coordenação para a continuidade das pesquisas.

A partir de 2008, o projeto agregou, com maior propriedade, estudantes, professores e pesquisadores. O trabalho continuado e o fortalecimento dos estudos, tão necessários às discussões contemporâneas, propiciaram a convergências de pessoas interessadas no assunto. Nesse tempo, foram realizados os *Diálogos Cruzados* que se tratavam de uma ação de interlocução teórico-prática entre os fazeres artístico-pedagógicos, envolvendo artistas e estudantes da Graduação e Pós-graduação da Escola de Dança da UFBA, além de convidados.

Nesse mesmo período, as professoras Fátima Daltro e Eliana Franco, respectivamente da Escola de Dança e da Escola de Letras, ambas da UFBA, encontraram-se para a pesquisa

pioneira em audiodescrição de imagens de Dança para pessoas cegas junto ao Grupo X de Improvisação em Dança, criando o Grupo de Pesquisa TRAMADAN – Tradução, Mídia e Audiodescrição em Dança (2008/2009).

As atividades desse grupo resultaram na montagem do espetáculo *Os 3 Audíveis... Ana, Judite e Priscila*, em 2008, primeiro espetáculo com audiodescrição de Dança no Brasil, com recursos financeiros do Prêmio Funarte de Dança Klauss Vianna 2007 e em circulação estadual e nacional até 2010⁵.

A dramaturgia do espetáculo girava em torno do universo das relações interpessoais e explorava, com simplicidade e humor, as relações do cotidiano do homem urbano. Distribuídas em quadros independentes e interrelacionados, as cenas revelavam poeticamente a intimidade do limite de um espaço particular, um lugar escolhido e imaginado em sua limitação móvel que acolhe, expulsa e acalma, revelando os fios sutis das relações entre as pessoas.

Essa performance proporcionou, ao Grupo X, convites importantes de âmbito local e internacional, bem como a obtenção de editais e o acesso de mestrandos do Programa de Pós-graduação em Dança interessados em políticas públicas de acessibilidade.

Desde então, apesar das dificuldades como a falta de orçamento e de comprometimento do Estado, que deveriam garantir meios de acesso para as pessoas com deficiência, o Grupo X tem se dedicado a garantir acessibilidade a esse público em todos os projetos financiados pelo dinheiro público, como determina a legislação brasileira (Constituição de 1988 e a Lei Brasileira de Inclusão/2015).

A partir de nossos estudos em acessibilidade cultural, a ACCS e a responsabilidade se solidificaram, novas frentes de ações e a visão ampliada levantaram questões pertinentes acerca do corpo entendido como um complexo de possibilidades de relações, possibilitando o convívio entre diversas experiências. Agregamos reflexões acerca da inclusão e exclusão de corpos que não se adequam ao pensamento hegemônico de corpo, dito ideal para a Dança, erroneamente considerados inapropriados, improdutivos, degradados, fora do contexto, defeituosos, insultuosos. São tantos os adjetivos e as barreiras encontrados na trajetória dessa ACCS, justamente por ela tratar de questões que o campo da Dança insiste em negligenciar até os dias atuais sob a justificativa de uma performatividade de um corpo “padrão, capaz e normal”.

⁵ O projeto *Os 3 Audíveis... Ana, Judite e Priscila* também foi contemplado pelos editais: Ocupação dos Espaços da Caixa Econômica – 2009; Edital De Circulação Ninho Reis – 2010 (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia); Edital Tô No Pelô - Ocupação Das Praça Do Pelourinho (Fundação Cultural do Estado da Bahia); Plataforma Internacional De Dança – PID – 2010.

O entendimento de corpo copresente em seu ambiente nega cabalmente esse ideário e expõe o corpo implicado e atravessado por uma coleção de informações desde a sua constituição. As discussões relevantes acerca de processos de inclusão e exclusão das minorias encontra aporte na teoria corpomídia (GREINER; KATZ, 2015), a partir da qual é possível entendermos o corpo, de todas as pessoas, como cognitivamente apto para construir seus mundos.

Nas pesquisas desenvolvidas na ACCS e no Grupo X, os ditos corpos com defeitos, incapazes e ineficientes, revelavam o outro lado, aquele lado do corpo artista que busca a mobilidade, que evolui e que se transforma na oportunidade do encontro com o outro. Ante as emergências latentes na área da Dança, faz-se urgente outro modo de operarmos o corpo que não combina com as normas vigentes, incapazes de dar conta das indisciplinas geradas no campo (GREINER, 2015) e das necessidades mais imediatas, indispensáveis aos deslocamentos para avançarmos.

Nos dias atuais, não cabe mais a hegemonia do pensamento. O fazer artístico da Dança contemporânea e o diálogo entre arte e ciências no campo das diversas mediações tecnológicas e comunicacionais levam-nos a entender o corpo como um fenômeno complexo, para além da perspectiva dualista do corpo bípede *versus* corpo com deficiência e das hierarquias estabelecidas nessa relação.

A pesquisa de Edu O, desenvolvida no Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão de Conhecimento (DMMDC), considerada sua experiência com a Dança, trata da chamada "bipedia compulsória", afirmando que:

Não se trata da marcha ou da forma de locomoção sobre dois membros, mas sendo uma estrutura social, política, econômica e cultural que determina padrões excludentes pautados na normatividade do corpo, que subjagam e inferiorizam as potencialidades da pessoa com deficiência, tomadas por incapazes e inaptas (CARMO, 2019, p. 78).

A pesquisa, ao tomar como base as contribuições de Robert McRuer (2006), apresenta o conceito de deficiência a partir do modelo histórico-cultural, ou seja, da compreensão que temos da deficiência como uma construção histórica e cultural para satisfazer a interesses políticos e econômicos que determinam o "corpo capaz" como de ordem natural e irrefutável. Esta compulsoriedade da capacidade do corpo estabelece um padrão de normalidade, identificando a deficiência como patologia e incapacidade, oposto ao considerado saudável, hábil, apto, ao corpo coletivamente almejado e compreendido

como normal, construído e naturalizado como um modelo a ser alcançado para corresponder à alta produtividade do trabalho.

Sob esta perspectiva, Carmo (2019) identifica estruturas para manutenção de um pensamento hegemônico que estabelece o corpo branco, cisgênero e bípede como o ideal para a Dança em detrimento de outros corpos que não correspondem a esse padrão. Assim, sua pesquisa vem identificando a soberania da “bipedia compulsória” nos espaços de criação, formação, curadoria, crítica e pesquisa em Dança.

Seguirmos os processos e dinâmicas que se dão em fluxo é uma realidade latente. As situações discrepantes soam-nos como provocações, espaços de discordâncias que permitem refletirmos e compreendermos as ocorrências dos comentários questionadores para dar conta do processo em tempo hábil. Bem vindos sejam os desacordos, pois eles constroem espaços de relações entre os elementos que o constituem. Aprendemos com os desacordos. Sigamos.

As experiências e o caráter investigativo do movimento em múltiplos corpos balizaram e continuam balizando os encontros do Grupo X. O estímulo ao diálogo aberto entre seus participantes, para que todos tenham a oportunidade de aprender, trocar experiências e exercer a sua autonomia durante os processos, são pontos importantes de convergência. É um tipo de organização que favorece aproximações, laços de confiança, espaços de discussões e práticas colaborativas que são construídas na relação de troca de saberes entre todos os sujeitos (FREIRE, 2011). Caminhos em que dominam as boas intenções e esforços repletos de entusiasmos. O mais importante na cooperação intensa é o fato de exigir-se habilidade (SENNETT, 2012). Construímos mecanismos para argumentar contra as discriminações e a favor da invocação dos direitos é necessário. É por essas vias que transita o Grupo X de Improvisação em Dança.

A resistência não acabou e o colonialismo está presente entre nós.

Mais ou menos depois do meio⁶. Instantes Poéticos⁷ do Grupo X

As poéticas X exigem do corpo: percepção ativa, autonomia, prevenção, antecipação. Isto é, a habilidade de resolução para a criação de campos relacionais entre as situações

⁶ *Mais ou menos depois do meio*, performance de 2015, resultado da ação *Ocupe 401*, que consistia na ocupação de apartamentos e acesso ao ambiente familiar para pesquisa em espaços domiciliares e hábitos familiares. Nesse ano, o grupo - sem apoio financeiro - busca estratégias de sobrevivência para manutenção de suas produções independentes.

⁷ *1 min 1/2 de Instantes Poéticos* - Laboratório de investigação em vídeo-dança realizado pelo Grupo X no Palacete das Artes, em 2010. Projeto contemplado pelo Edital de Apoio a Propostas de Formação Artística e/ou Qualificação Técnica na Área Museológica e Patrimonial/IPAC.

produzidas durante a Dança. Em paralelo, a criação de significados no processo de encenação. Sendo o corpo copresente, cada dançarino ou coreógrafo ocupa o espaço cênico sem barreiras e contribuindo com suas experiências. Todos são responsáveis pelo processo de criação, com as capacidades de escuta e de compartilhamento operantes. Michel de Certeau (1997) explica-nos que o saber, o procurar e o perceber são uma questão de presteza, de habilidade do aparato motor e de educação pela experiência. O novo, o diferente terá presença marcante.

Como explicitado, o território - memória do Grupo X de Improvisação em Dança - emergiu das ações de extensão entre 1998 a 2002, período em que as atividades de extensão concentravam-se nos *campi* com performances em seminários, feiras, eventos científicos, comunidades de Lauro de Freitas, no Portão e na Escola de Dança da UFBA.

Dois projetos foram significativos no processo inicial do grupo. O primeiro se tratou da performance *O Extraordinário do ordinário* (1988/1999), trabalho que se utilizava da Improvisação por Contato (*Contact Improvisation*) como escolha estética, introduzida na Escola de Dança/UFBA pelo Prof. David Ianittelli em 1994. O outro projeto foi o *Cena Aberta*, de 2002, proposta a partir da qual enveredamos de vez no ambiente de pesquisa experimental. Entre os meses de abril a dezembro, cantores, dançarinos, músicos e coreógrafos juntavam-se, às terças-feiras, a partir das 14h, para apresentações às 19h, no Teatro do Movimento da Escola de Dança/UFBA, para colaborativamente cantarem, dançarem, criarem, elaborarem e realizarem performances em improvisação, resultantes desses encontros.

Durante o dia, o roteiro provável era exposto no camarim para não nos esquecermos da ordem do que seria realizado na mostra. Iluminação, figurino, sonorização, canções do dia, ensaios, "desroteiros", divulgação, produção, coreografias, músicas, sonoplastia, iluminação e contrarregragem eram executados pelos participantes. Fomos responsáveis por todo o processo de encenação. Atrás das coxias, as tensões e burburinhos eram constantes. Para otimizar as contingências, tínhamos duas dicas para a noite *Cena Aberta*. A primeira:

Precisamos lembrar qual o cantor ou dançarino vem antes de cada um de nós...

E agora quem é? Acho que é Andrea sozinha.

Oxe! Nãoooooo, agora é o duo de Edu com Fafá e Neila cantandoooo.

Mudou foi? Esqueceram a luz.

Suaves mudanças, porque alguém perdeu o sapato⁸.

⁸ *Cena Aberta* é o nome de um dos projetos que desenvolvemos, do qual trouxemos, de forma ilustrativa, frases que dizemos naturalmente nos encontros. Trata-se de uma interferência com liberdade que criamos para trazer a nossa forma de trabalhar.

E a segunda era que, a cada noite, exercitávamos *Suaves mudanças* – título encontrado para resolver o inesperado da encenação. Respostas rápidas eram impreteríveis. O som, a luz, uma voz, a poesia, uma folha de papel, uma música, vestido, banheiro, escada, um quadro, óculos, um texto, uma frase, visita, fazer a sopa, salão de festa ou rua eram considerados potentes disparadores para a pesquisa artística X. Cada situação tinha sua particularidade.

Muitas risadas, amigos e descobertas emergiram desses encontros prazerosos. Os cantores eram coordenados por Andréa Daltro (cantora) e por Ricardo Bordinni (compositor) e os dançarinos - estudantes de graduação da Escola de Dança (UFBA) e da comunidade externa - eram coordenados pelos professores Fátima Daltro e David Iannitelli.

A experiência desafiadora e as práticas educativas artísticas com liberdade e autonomia têm a função de estimular a aprendizagem e a interpretação de diferentes pontos de vista, favorecendo a tomada de consciência dos participantes sobre si mesmos e sobre o mundo do qual fazem parte. Paulo Freire (2011) explica-nos que educar e educar-se, na prática da liberdade, só acontece por meio do diálogo, na troca de saberes, na construção de conhecimentos que poderão ser aplicados em situações existenciais concretas. Aprendemos a dar conta de situações inesperadas. Fomos impregnados pelas trocas, compartilhamentos de ideias e pelo o exercício de autonomia e do afeto que, no histórico do Grupo X, encontrou seu ápice na performance *Se você quiser...* Esse trabalho tratou das nossas memórias coletivas e individuais. A cada dia, criávamos novas memórias, assim como é a vida, assim como é esse texto em que, ao rememorarmos a nossa história, estamos construindo memórias para o que virá, para quem nos ler.

Além de ser uma proposta criada para comemorarmos os nossos 20 anos, o projeto - contemplado pelo Edital Setorial de Dança 2016 - possibilitou ao grupo estar nas ruas de Salvador, apresentando sua estética diferenciada e particular, oferecendo audiodescrição para quem quisesse experimentar, democratizando a arte para um público mais amplo. Além disso, marcou o início de uma série de apresentações de repertório, instalações e exposições itinerantes que aconteceram no Palacete das Artes, ao longo do segundo semestre de 2018.

Esse projeto deixou evidenciada a importância da cadeia produtiva da Dança, o que – fazemos questão de destacar, nesse momento em que perdemos cada vez mais os recursos e os incentivos – desaparece quando há escassez de editais e dos meios de financiamento. Em cada espaço que ocupamos, movimentamos a economia daquele local, incluindo o público, também parte da cadeia produtiva. A cultura dá emprego, gera renda,

movimenta uma cadeia grande de serviços, comércio, transporte. O pipoqueiro que, ao passar, será acompanhado por nós - que dançamos - no Largo da Mariquita; dona Judite ouvindo Roberto Carlos na janela do seu bar da esquina do Largo do Santo Antônio, onde dançamos - ao nosso jeito - o nosso bolero, encantando o taxista que interromperá sua viagem para dançar conosco; a senhora que vende bebidas no isopor; o restaurante no qual confraternizamos após as apresentações. Para Claudinei Sevegnani, no prefácio do Livro do X, o grupo é

[...] essa coisa movediça, é essa presença que se quer movediça justamente para que todas e todos possam estar presentes. X é a presença, essa presença que precisa estar cada vez mais em evidência, não uma evidência que se quer evidente por mera questão de estar por cima, mas uma evidência que precisa estar ali para que as presenças sejam efetivamente conquistadas, não como se conquistam territórios e se tomam terras inapropriadamente, mas uma conquista que é retomada de certa subjetividade já destruída pelos mecanismos de poder dos nossos dias (SEVEGNANI, 2019, p. 9).

Sevegnani integrou as pesquisas do grupo X em 2015. O Grupo X tem como uma de suas características o trânsito de pessoas em seu elenco, variando anualmente de acordo com os interesses pessoais, disponibilidades e pesquisas desenvolvidas por estudantes da graduação e pós-graduação em Dança e outras áreas.

Com produções artísticas bem sucedidas de investigação performativa e criações para o palco, o grupo apresenta há 22 anos um leque de produções importantes no campo da Dança contemporânea. Um deles é o trabalho *O Canto de Cada Um*, performance que promoveu o rumo profissional do grupo e levou-o a convites para participação em eventos internacionais. Com estreia no Teatro Vila Velha, sua montagem foi realizada através do prêmio EnCena Salvador 2003, da Fundação Gregório de Matos. No chão, o desenho do jogo da velha. A linha divisória entre seus espaços eram decisivas e determinavam o jogo coreográfico. A dramaturgia da Dança focalizava as possibilidades de encontro e as relações que poderiam ser construídas do inesperado em codependência com as regras do jogo da velha. O projeto teve bastante êxito, conquistando o Edital Quarta que Dança 2004 e recebendo convite para o projeto Segundas Cênicas, no Teatro ISBA. Porém, foi com a sua participação no Festival Internacional Arte, Recreação e Criatividade 2004, na cidade de Funchal, em Portugal, que o Grupo X teve a oportunidade de ir à França, mais precisamente à cidade de La Seyne-sur-mer, conhecer a Cie Artmacadam e, então, iniciar uma parceria de sucesso com o projeto *Euphorico*. Realizado anualmente, com edições alternadas entre os dois países, o projeto consiste em uma residência artística, geralmente de 20 dias, a

cada ano, para pesquisa em improvisação e experiências em espaços urbanos, com a presença de artistas das duas companhias e artistas convidados.

Euphorico – Je t’aime

Euphorico é o que surge sem palavras, sem definição evidente, sem muita nitidez. Entramos em uma sala de ensaio sem falar francês com nossos interlocutores que também não sabiam falar português. Havia uma escada no meio do caminho e Edu O. pousou no pescoço de Wilfrid Jaubert que nunca havia carregado alguém assim. Não teve o que fazer a não ser subir os degraus enquanto Fafá Daltro grudava nos braços de Helene Charles sorrindo. Sacolas, comidas (sempre e muitas, aqui e lá: cozido de *mainha* e as delícias de Agnés), cadeira de rodas e o espaço vazio à espera de uma Dança. Aliás, duas danças de dois. Wilfrid e Helene improvisaram logo depois de Edu e Fafá. Os brasileiros e os franceses identificaram-se como se mirassem um espelho. Era curioso e surpreendente encontrarmos artistas tão semelhantes a nós, com interesses e poéticas tão próximas. O amor deu-se assim e com tantas gargalhadas que parecia euforia. *Tu es euphorique!* Aquilo parecia outra coisa e as gargalhadas nunca mais cessaram, nossos encontros também não. *Euphorico* é como a vida. Compartilhamos nascimentos, mortes, separações, encontros, mudanças, crianças que cresceram, jovens que envelheceram, caipirinhas, champagnes, vinhos, cervejas, conversas intermináveis ao redor das mesas e uma Dança que arroteia o mundo. Nós aqui e eles lá. Durante todo o ano, todos os anos, a conexão que não se quebra. Troca de músicas, de vídeos, festas de aniversário, casamentos, o "*robe de marriage*" ... há que se ter respeito. Nossa história ultrapassa a arte e tão por isso faz da vida nossa melhor performance. E o que escrevemos sempre tem eles.

É uma vida que se inventa uma vez que ela é precária. Sempre pronto a começar uma história com alguém, algumas pessoas... não se dança e não se vive nunca sozinho. Convida-se a vida por meio da dança. Convida-se a noite densa

Esse encontro improvável... comigo... Foi aqui e lá-bas (boleta) que se construiu o que vejo do Grupo X.

A energia, a jovialidade, o gênero, o fazer, o desfazer, o cálculo, o canto, a música, a audácia, o outro, os lugares, o acolhimento, a dúvida, o risco, zero, o clown, a borda das lágrimas, a idade, o abraço, me deixar levar, esquecer, a espera, o coração a mil, de manhã cedo, caipiroska morango Kiwi abacaxi Geraldo, o 24h/24h que nunca previne suficientemente a AUSÊNCIA (JAUBERT, 2019, p. 100)

Em 2009, por ocasião do Ano da França no Brasil, os artistas do Grupo X e da Cia Artmacadam, foram convidados a realizar uma residência artística no projeto Outras Danças, promovido pelo MinC e FUNARTE. Ao longo desses anos, o projeto *Euphorico* recebeu diversos apoios, tanto em instâncias francesas como brasileiras e já circulou por muitas cidades, como: Salvador, Marseille, Santo Amaro, Aubagne, Cachoeira, Nice, Jequié, Sanary, São Francisco do Conde, Le Pradet, Belo Horizonte, Toulon, Rio de Janeiro, Flayosc, Hyères, La Garde.

Senta aqui que precisamos conversar...

A frase “senta aqui que precisamos conversar” é uma estratégia utilizada para ficarmos atentos às ocorrências da encenação e agirmos com rapidez para resolvermos uma situação problema ou determinarmos a finalização de uma cena. O vocábulo aqui, estrategicamente, indica-nos que devemos abandonar grande parte do que ainda não conseguimos contar. Também é assim em qualquer processo criativo e na improvisação, como no nosso caso, saber escolher o momento de silenciar e o que largar é tão importante quanto o momento de agir, entrar em cena e propor. Recolher-se também é uma ação importante na teia dramática de uma cena.

Antes, porém, não podemos abandonar alguns elementos que constituem os Cantos e Recantos do nosso coração. Além dos projetos já mencionados ao longo desse texto, destacam-se também os seguintes trabalhos: *Superfícies para Improvisação*, com pesquisas voltadas para ações em espaços restritos e ambientes não convencionais (2015); *What do you do while you wait?*, mostra vinculada ao Estágio de Pós-Doutoramento/CAPES realizada em 2014, em Londres/UK; *No Jardim de Fulaninhas*, obra resultante de pesquisas realizadas na Lavanderia Social, na Comunidade de Alto das Pombas/Salvador-BA (2013); e *Alvuras*, com estreia em 2012, que tratava de situações e comportamentos do universo feminino, localizados em dado período do século XIX, e a transposição desses pensamentos no que são recorrentes nos dias atuais. O projeto foi contemplado pelo Edital Yanka Rudzka 2010 (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia), audiodescrito por Ana Clara Santos de Oliveira, junto ao Grupo TRAMAD (UFBA).

Também não podemos nos esquecer de lembrarmos das pessoas que formaram e contribuíram para que esses trechos de memórias X fossem contados: Aiana Daltro, Aldren Lincoln, Alessandra Nohvais, Alexandre Kara, Aline Lucena, Ana Cecilia Soares, Ana Clara Oliveira, Ana Luiza Reis, Ana Maria Agazi, Ana Paula Moreira, Andréa Daltro, Andréa Viana, Bárbara Santos, Barbara Fontana, Beatriz Casé, Bia Bem, Bia Simões, Bianca Góis, Bruno

Novais, Caio Araújo, Carol Almeida, Carol Vaz, Catarina Gramacho, Cátia Assunção, Cida Martinez, Clara Pássaro, Clarice Cajueiro, Claudinei Sevegnani, Clênio Magalhães, Cristiana Ferreira, Cyça Lopez, Daiana Carvalho, Daniel Guerra, Danielle Coutinho, David Iannitelli, Dayse Cardoso, Diane Portella, Dinorah Oliveira, Duda dos Anjos, Eleonora Santos, Elsa, Elen Alves, Eliana Franco, Emilie Lesbros, Estela Lapponi, Fabio Espírito Santo, Fabienne Frossard, Felipe Sousa, Fernando Lopes, Filipe Massumi, Florence Morel, Fred Manillo, Gabriel Novaes, Gaele Cotte, Georgia Boni, Greice Sposito, Helene Charles, Hugo Leonardo, Hugo Pimentel, Iara Cerqueira, Inaiá Lua, Iracema Vilaronga, Iran Sampaio, Jamiller Antunes, Jeremy Lai, Jessy Coste, Jhenny Ü, Joana Bocannera, Joana Terra, João Lima, João Rafael Neto, Joice Oliveira, Juliana Fernandez Castro, Juliana Ribeiro, Juliana Rocha, Juniro Almeida, Kalassa Lemos, Karlene Rios, Kathleen Evelyn, Kinga Samborska, Kiran Gorki, Krianti Rupen, Laila Rosa, Larissa Leão, Laura Petrosino, Laura Sales, Lenira Rengel, Lissandra Santos, Lucas Valentim, Luciano Salvador Bahia, Luna Blue, Maira di Natale, Maíra Spanghero, Marcelo Jardim, Marielle Guillaume, Marlyson Barbosa, Marta Bezerra, Marta Macedo, Mauricio Pedrosa, Milianie Lage Matos, Mirella Matos Sales, Mirella Misi, Miriam, Mônica Santana, Nara Sousa, Natalia Rocha, Nei Lima, Neila Kadhí, Ninfa Cunha, Pâmela Rinaldi, Paulo Pilha, Philippe Festou, Polane Brandão, Rafael Rebouças, Ricardo Bordini, Ricardo Mendes, Rino Carvalho, Rivaldo Rio, Rosiris Modesto, Rudá Gomes, Sonia Maria Brandão Gonçalves, Sueli Ramos, Stephane Kara, Taii Lopez, Taís Rosa, Talita Avelino, Taynah Melo, Thiago Alexandre, Thiago Santana, Thulio Guzman, Tiganá Santana, Valentina Vilas Boas, Victor Costa, Victor Venas, Vincent Hours, Viviane Bastos, Viviane Fontoura, Wilfrid Jaubert, Wiliam Gomes, Zuarte Junior, Zunk Ramos...

Quem mais? ... Foram tantas! São tantos os amores que preenche o nosso alfabeto. Se alguém escapou, fugiu ou se escondeu... Nossa gratidão a todas as pessoas que passaram por aqui, pela disposição e o prazer de estar junto. E Dinorah?⁹

Iaiá, cadê o jarro
 O jarro que eu plantei a flor.
 Eu vou te contar um caso
 Eu quebrei o jarro e matei a flor
 Que maldade, que maldade...
 Você bem sabia
 No jarro de barro
 Eu plantei a saudade! (BARBOSA *et al.*, 2019)

⁹ Dinorah Oliveira, mãe do autor Edu O., responsável pela memória afetiva em torno da canção Jarro da Saudade (BARBOSA *et al.*, 2019).

Referências

BARBOSA, D.; PINHEIRO, M; BLOTA, G; **Jarro da Saudade**. Intérpretes: Carmen Costa, Mirabeau Pinheiro. Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://discografiabrasileira.com.br/artista/80339/mirabeau>>. Acesso em 11 set. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 04 out. 2020.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, ano 152, nº 127, p. 2-11, 07 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 11 set. 2020.

CARMO, C. E. O. Desnudando um corpo perturbador: a “bipedia compulsória” e o fetiche pela deficiência na Dança. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 75-89, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/7422/5107>>. Acesso: 12 dez. 2023.

CASTRO, F. C.D. **Corpo Sitiado..., A comunicação invisível**. Dança, Rodas e Poéticas. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHARLES, H. Uma dança Festoetale. In: CARMO, C. E. O; CASTRO, F. C. D. de (Orgs.). **Livro do X**. Salvador: Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, 2019.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GREINER, C; KATZ, H. **Arte e cognição**. Corpomídia, Comunicação, Política. São Paulo: Annablume, 2015.

HERNANDEZ, F. **Educación y Cultura Visual**. Barcelona: Octaedro, 2010.

JAUBERT, W. Sem título. In: CARMO, C. E. O; CASTRO, F. C. D. de (Orgs.). **Livro do X**. Salvador: Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, 2019.

MCRUER, R. **Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability**. New York: New York University Press, 2006.

SANTOS, Boaventura. **O fim do Império Cognitivo**. A afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SENNETT, R. **Juntos**. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SEVEGNANI, C. Prefácio. In: CARMO, C. E. O; CASTRO, F. C. D. de (Orgs.). **Livro do X**. Salvador: Carlos Eduardo Oliveira do Carmo, 2019.

SILVA, A. A. S. **O Programa UFBA em Campo – ACC**: sua contribuição na formação do estudante. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10261>>. Acesso em: 11 set 2020.

SOUZA, G. B. de. **Extensão universitária em campo**: possibilidades para a formação dos estudantes da Universidade Federal da Bahia. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Instituto de Humanidades Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16693/1/PPGEISU%20_%20SOUZA_%20GEZILDA_DISSERTA%C3%87%C3%83O%20_%202014.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.